

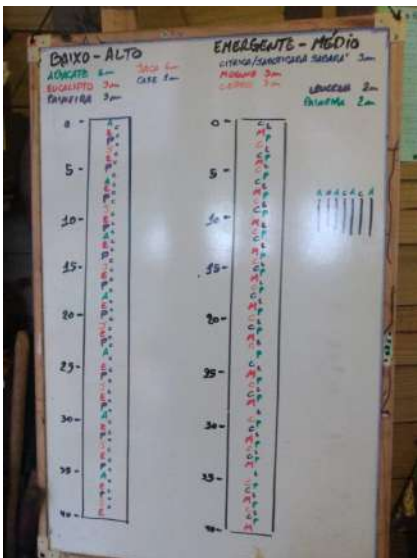
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tecnologia Social – Mutirões Agroflorestais da Rede Rebrotar

Utilizamos a tecnologia ancestral dos mutirões e do plantio agroflorestal. A inovação central da Tecnologia Social dos Mutirões Agroflorestais da Rede Rebrotar está, no entanto, na forma de organização social construída coletivamente como uma rede viva de apoio mútuo, onde todas as pessoas envolvidas são, ao mesmo tempo, aprendizes, facilitadoras e decisoras. Nosso espírito de rede se orienta pelo cuidado com o solo, com as pessoas e com os vínculos.

Desde sua origem, os problemas enfrentados foram identificados de forma coletiva, em conversas informais, reuniões abertas e encontros presenciais entre pessoas que vivenciam diretamente os desafios do território. Não houve diagnóstico externo. A tecnologia nasce da experiência concreta da comunidade onde estamos inseridos, a partir de desafios comuns vividos em diferentes sítios de São Pedro de Alcântara, especialmente a dificuldade de acesso à capacitação, o alto custo ou inexistência de mão de obra especializada na região e a dificuldade de implantar agroflorestas de forma isolada.

A solução, os mutirões agroflorestais organizados em rede, foi desenhada de forma colaborativa e segue sendo continuamente ajustada a partir das experiências práticas. Reuniões online, encontros presenciais e avaliações coletivas orientam a definição de agendas, formatos, responsabilidades e princípios da rede, reforçando o protagonismo local e a gestão compartilhada.



A primeira resposta coletiva foi a organização do curso de introdução à agrofloresta com Namastê Messerschmitt, realizado de forma comunitária. A partir dessa experiência, percebeu-se a potência do trabalho coletivo e, alguns meses depois, em 19/09/2022, foi fundado o grupo Rebrotar. Com base em experiências prévias de alguns membros em redes cooperativas, propôs-se a criação de

um modelo organizacional horizontal, sustentado por mutirões periódicos, comunicação aberta, gestão compartilhada e construção coletiva de acordos. Inicialmente, participaram três sítios Nascente do Arvoredo, Yvy Porã – Estação de Permacultura e Una Comum, além do projeto Muvuca, voltado à comercialização de produtos agroflorestais na Grande Florianópolis.



Fotos: primeiras reuniões de setembro a dezembro de 2022 para organização do grupo e planejamento de 2023.

Após um ano de mutirões mensais, novas pessoas se aproximaram e passaram a integrar a rede os sítios Santuário da Lua Nova, em São Pedro de Alcântara, Refúgio Pé no Chão, em Angelina, e Sítio Terráqueos, em Antônio Carlos. Nesse período, foram realizados novamente cursos básicos e avançados de agrofloresta. As pessoas do coletivo interessadas trabalharam voluntariamente na organização e puderam participar gratuitamente das formações. Os recursos das inscrições pagas foram utilizados para custear despesas e oferecer bolsas a pessoas pretas e indígenas, fortalecendo princípios de inclusão e equidade. A prefeitura municipal apoiou também com recursos para a inscrição de 4 agricultores locais.



Essa forma de organização deu origem à Rede Agroflorestal Rebrotada, que hoje articula núcleos territoriais autônomos, Rebrotada Serra e Rebrotada Mar, evidenciando a capacidade da tecnologia social de gerar novas formas de organização, passíveis de reaplicação e adaptação a diferentes contextos.



Fotos: encontro de formação da Rebrota Mar e plantio de tubetes no viveiro de mudas nativas

Em 2025, frequentadores dos mutirões residentes na região litorânea manifestaram o desejo de receber as atividades em seus próprios sítios. A proposta foi replicar a tecnologia dos mutirões a partir do apoio organizacional da rede e do uso das ferramentas colaborativas já consolidadas: reuniões abertas, registros em atas, planejamento coletivo com divisão de tarefas, divulgação em colaboração com a rede, construção conjunta da programação do dia no início do mutirão, refeições compartilhadas, registros em caderno de campo ilustrado com fotos, rodas de troca de saberes e momentos de convivência cultural ao final do dia.

Passaram a integrar esse núcleo os sítios Éden, em Imaruí, Psicultura Panamá, em Paulo Lopes, e Sítio Bota Fé do Timbé, em Imbituba. A partir dessa expansão, optou-se por nomear o novo núcleo como Rebrota Mar, passando a chamar de Rebrota Serra a microrregião onde os mutirões tiveram início.



Fotos: cartaz e foto do primeiro mutirão na região litorânea

Os mutirões são espaços abertos de inclusão social, com participação de pessoas de diferentes idades, gêneros, origens e trajetórias, sem exigência de vínculo institucional ou pagamento. Há incentivo explícito à participação ativa das mulheres no uso de ferramentas, na facilitação das atividades e nos processos decisórios, assim como incentivo à participação dos homens nas tarefas

de cuidado com os espaços e com as pessoas. As crianças também são incluídas em atividades lúdico-pedagógicas, fortalecendo vínculos intergeracionais e a transmissão de saberes.



Fotos: contação de histórias debulhando sementes e criações artísticas com material orgânico.

Observa-se que os mutirões reduzem barreiras de acesso ao conhecimento agroflorestal, historicamente restrito por custos financeiros ou técnicos, ao mesmo tempo em que fortalecem relações solidárias baseadas na cooperação e no cuidado coletivo. O aprendizado acontece de forma horizontal, com constante nivelamento de conhecimentos e habilidades.

O dia do mutirão se organiza a partir de momentos de acolhida, com café coletivo e roda de abertura; apresentação dos objetivos e divisão de grupos; trabalhos em campo guiados por monitores; cuidado paralelo com cozinha, crianças e registros; almoço compartilhado; roda de conversa para troca de aprendizados técnicos e percepções; e atividades de convivência cultural, como passeios guiados, oficinas, fogueiras, cantorias ou práticas corporais.

Esses encontros contribuem diretamente para a melhoria das condições de vida ao viabilizar a implantação e o manejo de sistemas agroflorestais, fortalecer a segurança alimentar, ampliar a autonomia produtiva e reduzir a sobrecarga individual de trabalho. Além dos impactos materiais, são recorrentes os relatos de fortalecimento do bem viver, do pertencimento comunitário e da saúde socioambiental. Muitas pessoas destacam a renovação da confiança nos laços sociais e a redução da sensação de isolamento vivida na zona rural. Reconhecemos que ainda existem barreiras sociais e étnico-raciais e assumimos o compromisso permanente de enfrentar e reparar essas desigualdades.



A organização dos mutirões ocorre com participação ativa das pessoas em todas as etapas, desde o planejamento até a avaliação. Cada sítio anfitrião assume responsabilidades, sempre com apoio coletivo da rede. Para aderir ao processo, há acordos comuns, como participar previamente de mutirões, contribuir em diferentes tarefas para compreender o modo de organização, utilizar as ferramentas de sistematização, realizar reunião prévia, preparar a área e ter foco na implantação ou manejo de sistemas agroflorestais, incluindo processos de transição agroecológica.

A tecnologia dos mutirões é autogerida. As decisões são tomadas de forma coletiva, sem hierarquia fixa, por meio de reuniões abertas, grupos de comunicação e acordos construídos em comum. A Rebrotar se constitui como uma rede ampla, com diferentes níveis de envolvimento. Há pessoas que se envolvem na gestão dos processos, outras se colocam como anfitriões de sítios para receber os mutirões, outras se somam eventualmente em tarefas específicas que dão apoio ao coletivo.

Com o amadurecimento da Rede Rebrotar, tornou-se evidente a necessidade de criar estruturas de apoio que garantissem continuidade, sistematização e ampliação das capacidades locais, sem comprometer a autonomia da tecnologia social dos mutirões. É nesse contexto que, em janeiro de 2024, foi fundada a Associação Agroflorestal ASSOPIO, composta por pessoas da própria rede que se dispuseram a atuar na articulação institucional, na captação de recursos e no fortalecimento de parcerias.

A associação ASSOPIO é formada por pessoas que atuam como suporte organizacional, especialmente na captação de recursos e articulação de parcerias institucionais. A ASSOPIO não organiza os mutirões nem centraliza decisões da Rede Rebrotar. Seu papel é o de suporte organizacional, oferecendo condições para que a tecnologia social se mantenha viva, acessível e em constante aprimoramento. Por meio de projetos como o Solo Vivo e o Transição Agroflorestal, a associação tem contribuído com a doação de mudas nativas, apoio técnico, formação complementar e produção de materiais pedagógicos, como a cartilha comunitária sobre mutirões agroflorestais.

Esses projetos retroalimentam a rede ao ampliar o acesso a recursos, gerar renda, fortalecer o desenho dos sistemas agroflorestais e incentivar processos de transição agroecológica baseados na cooperação e na autonomia. Ao mesmo tempo, respeitam e preservam o caráter horizontal, autogerido e comunitário da tecnologia social dos mutirões.

A dimensão econômica solidária também integra esse ecossistema. Iniciativas como o projeto Muvuca, voltado à comercialização de produtos agroflorestais, contribuem para ampliar a viabilidade econômica dos sítios, fortalecer circuitos curtos de comercialização e reduzir a dependência de intermediários. Essa articulação entre produção, cuidado com os ecossistemas e geração de renda fortalece a permanência das pessoas no campo e amplia as condições para o bem viver.

Assim, a experiência da Rede Rebrotar se configura como um arranjo sociotécnico em constante construção, onde a tecnologia social dos mutirões se articula a projetos de apoio, redes de comercialização solidária e estruturas institucionais leves, todas orientadas pelo cuidado com o território, com as pessoas e com os vínculos. Esse conjunto tem possibilitado transformações duradouras, apropriadas pelas comunidades e alinhadas aos princípios da agrofloresta, da cooperação e da justiça socioambiental.

De maio a novembro de 2025 o projeto Solo Vivo possibilitou o fornecimento de mudas de árvores nativas para todos os sítios da Rebrotar e suporte técnico por meio de reuniões online para o aprimoramento dos desenhos dos sistemas agroflorestais. O projeto também apoiou a construção de uma cartilha ilustrada, desenvolvida coletivamente, que descreve de forma clara e reaplicável como se organizam os mutirões agroflorestais da rede. Consta nos links de anexos abaixo.

Como organizamos um mutirão:

- Planejamento prévio: reunião, programação do dia em campo, planejamento de monitorias e apoios, ferramentas e insumos, arte de divulgação, abertura de inscrições, planejamento logístico de alimentação e caronas, informações de como chegar e o que levar.
- Funções essenciais: mobilização, monitoria das tarefas em campo, organização na cozinha, acolhimento das crianças, registro em foto e caderno de campo.

Sistematização e Registros

Todo o processo é sistematizado por meio de atas de reuniões, formulários de inscrição, cadernos de campo, registros fotográficos e audiovisuais, além de publicações contínuas no perfil @rebrotaredeagroflorestal, que funciona como memória pública do processo.

1. Atas - Nas nossas atas temos foco em definir quais serão as atividades do dia e quem pode assumir cada função. No dia novamente isso é conferido com as pessoas presentes. Durante o diálogo a pessoa que irá receber o mutirão traz o contexto, o objetivo do plantio na área, se há foco de produtividade ou se trata de reflorestamento, quais as condições de material e ferramentas disponíveis, quais os desafios e em quais pontos necessita de mais auxílio.

Ata Permanente Rebrotar Serra:

<https://docs.google.com/document/d/1--o2H-2XbuTfUQrXP75jCI02-HWVqVxYG2pfRDD4hYM/edit?tab=t.0>

Ata Permanente Rebrotar Mar:

https://docs.google.com/document/d/1dL1aYmTiYYXqobEfnzYKhJIVqdLPUOf-w9V_2GrZA-k/edit?tab=t.0

2. Formulário de inscrição: desde o primeiro mutirão realizamos o processo de inscrições on-line, divulgando pelos grupos de whatsapp da comunidade e pelo instagram da Rebrotar. Inicialmente cada sítio tinha seu formulário próprio, seguindo o mesmo modelo, porém recentemente unificamos em um formulário trilingue para facilitar a gestão de todos.

Formulário unificado:

https://docs.google.com/forms/d/1Q74VeQJTGFxMuzZSPGuagcBSueUexXFeROD-F1NX_Fg/edit

3. Caderno de campo - É um documento de registro das atividades realizadas nos mutirões organizados para gerar um histórico das atividades e da construção da Rede. A forma de construir esse documento foi se desenvolvendo com o passar do tempo, portanto, a sistematização das informações mudaram ao longo do tempo de acordo com as necessidades do grupo. Alguns termos

utilizados vem da agricultura sintrópica e, ainda, são pouco usados e difundidos. O preenchimento é feito mantendo uma cronologia com o registro do mutirão mais recente no topo do documento.

Caderno de campo Rebrotar Serra:

<https://docs.google.com/document/d/1xzkwnoF5BuNZseCKoBAa9WgLG6sm77RIUoJ4FSB8WA/edit?tab=t.0>

Caderno de campo Rebrotar Mar:

<https://docs.google.com/document/d/1wOVDPP0OqDtmCKOf34witT68S0X4hFEO1bxMuBXdaHc/edit?tab=t.0>

4. Instagram - Há ainda registros contínuos em redes sociais, especialmente no perfil @rebrotaredeagroflorestal, que funcionam como memória pública do processo. Cada sítio posta em seu perfil em colab com a rede uma chamada para as inscrições on-line, que são registradas em formulários do google docs, e um post pós mutirão com fotos e relato das atividades realizadas.

5. Cartilha - O material está disponível para download na página do projeto que financiou a diagramação da cartilha: <https://assovio.org/projeto/solo-vivo/>.

A experiência da Rede Rebrotar demonstra que tecnologias sociais podem emergir de práticas ancestrais quando organizadas de forma colaborativa, sistematizada e orientada ao bem viver, fortalecendo a autonomia comunitária e a manutenção dos ecossistemas de maneira duradoura.

Resultados

Os resultados observados incluem a adoção permanente de práticas agroflorestais, o fortalecimento da cooperação, o aumento do protagonismo comunitário e a formação de multiplicadores. Pessoas que participaram dos mutirões passaram a organizar novas ações coletivas em outros contextos, como construções, produção de alimentos e iniciativas culturais. A tecnologia social fortalece a autonomia ao reduzir dependências externas, ampliar capacidades locais e promover a circulação do conhecimento, contribuindo para processos de emancipação social e política.

A continuidade dos mutirões, a expansão territorial da rede, a formação de novos núcleos e a ausência de dependência de financiamento externo demonstram a sustentabilidade das transformações promovidas. Há um compromisso coletivo com a constância do processo, realizando mutirões de março a novembro, com encontros mensais nos diferentes territórios.

Ecologia da rede

A associação ASSOVIÓ é uma estrutura de suporte criada pela própria rede para garantir continuidade, sistematização, acesso a recursos e ampliação de impactos.